

LUTA CONTRA O GOVERNO VAI GANHANDO AS RUAS



📍 Manifestação em Manaus no dia 2 de junho levou milhares às ruas

EUA: REVOLTA EXPLODE EM TODO O PAÍS



📍 Washington, 1 de junho, manifestantes cercam a Casa Branca

Depois do adiamento do Enem, prossegue a luta

MEC autoriza EaD como carga horária na rede básica

Com a suspensão das atividades letivas no ensino básico e superior, milhares de estudantes enfrentam problemas de acesso à internet para participar de atividades virtuais. Mas Bolsonaro e seu ministro da educação não demonstram a mínima preocupação.

Universidades federais reiniciaram discussões sobre retomada das atividades. Há pressão para serem à distância. Estudantes e professores resistem a mais essa precarização. Na rede básica, o Ministério da Educação quer considerar o Ensino à Distância como carga horária, prejudicando milhares que não têm acesso.

Complementar para todos

Apenas seis das 69 federais implementaram EaD após autorização do MEC. Na Federal de Santa Maria (UFSM), que aderiu, o Diretório Central dos Estudantes exige que a reitoria abra um processo democrático de discussão com a comunidade a respeito do sistema REDE (Regime de Exercício Domiciliar), no qual os estudantes têm que se inscrever.

Segundo o DCE “o descontentamento dos estudantes com o REDE se expressa através do abaixo-assinado em que mais de 5.000 mil estudantes assinaram”.

As atividades complementares disponibilizadas em ambientes virtuais é uma alternativa para que os estudantes continuem mantendo rotina de estudos, desde que não contem como ano letivo. Isso exige garantia de estrutura mínima de acesso a todos.

Mais uma do MEC

Na rede básica, o MEC validou o parecer do Conselho Nacional de Educação o qual autoriza que as atividades remotas passem a valer como carga horária. Mas, como questiona a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), “como fazer aulas online ou até mesmo a inscrição no Enem sem internet?”. Sem condições. Cerca de 30% dos brasileiros não têm acesso à internet (Ibope), mais de 70 milhões tem acesso precário (Cetic.br) e, considerando as regionalidades, as

desigualdades aumentam. A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE-CUT) afirmou que é contrária ao ano letivo à distância, pois deve ser “garantido o direito universal de igualdade de acesso à educação a todos estudantes”.

Seguir lutando

A luta em defesa do direito de milhares acessarem o ensino público e gratuito continua. É inaceitável o

aprofundamento das desigualdades, a exclusão de estudantes e o rebaixamento da qualidade do ensino. A retomada das mobilizações de rua, a exemplo do ato de 15 de maio, em frente ao Ministério da Educação em Brasília, exigindo o adiamento do Enem e, recentemente, no domingo, com as torcidas organizadas, alimentam a luta para garantir direitos e dar um fim neste governo autoritário.

Dani Braz

“ENEM É COM ENSINO PRESENCIAL”

Depois de muita pressão que obrigou adiar o exame, o governo prorrogou o prazo de pagamento para 2 de junho, após vários problemas com os boletos. Os mais de seis milhões de inscritos ainda tem que aturar a ideia absurda do ministro Weintraub de querer consultá-los sobre a nova data, como se isso não fosse responsabilidade do próprio governo.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INESP) diz estudar meios de realizar a prova durante a pandemia - reduzindo questões para fazer num só dia ou reduzindo alunos por sala. Mas, só gastaria mais dinheiro e não resolveria o problema: as aulas seguem suspensas, portanto milhares não têm como se preparar. A UBES e Consed (secretários de educação) defendem que a nova data do Enem esteja associada à volta as aulas presenciais da rede básica. Como diz a Juventude Revolução do PT: “Enem é com ensino presencial”. Uma aula de sensatez. Que sigam na luta!

Aumenta violência policial

Comunidades de Florianópolis organizam atos contra mortes de jovens



Rio de Janeiro, 31/05: Policial aponta fuzil para jovem que participava de manifestação pacífica contra o assassinato de João Pedro

“operação de rotina” da Polícia Militar matou um adolescente de 16 anos, morador do bairro Monte Cristo. Cansada da sequência de episódios de violência que tirou a vida de outros doze jovens recentemente, a comunidade reagiu com pedras e barricadas contra passagem dos policiais. Atos foram organizados pelos moradores com faixas que exigiam justiça e o fim da violência.

Na última semana, no morro do Mocotó, outra comunidade da capital, um jovem também foi violentamente agredido pela polícia civil, quando fazia entrega de alimentos e máscaras para as famílias do morro. Nem atividades solidárias são possíveis fazer em paz nas comunidades em virtude das ditas operações policiais.

Basta de genocídio

Indignação e revolta foi vista em ato recente no Rio de Janeiro e é o que se vê nas imensas manifestações nos Estados Unidos contra assassinato de George Floyd (págs. 11 e 12). A violência policial, incentivada por Bolsonaro e certos governadores, sufoca a população negra, maioria

das vítimas do vírus - 51,4% dos hospitalizados são brancos, mas 54,8% dos mortos são negros. O Estado, sobretudo a PM, age contra vida dos negros e pobres. Por isso, desmilitarizá-la é uma exigência mais que justa.

Sigamos o exemplo das comunidades de Floripa e outras tantas que retomam as ruas exigindo dos governos um basta ao genocídio da juventude negra.

Kris

Alguns crimes como roubos e homicídios dolosos (intencionais) até diminuíram, mas a violência policial aumentou assustadoramente na pandemia. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública, órgão do governo Witzel, o número de mortes aumentou em 43% em relação a maio de 2019. Realidade presente também em outros estados, como Santa Catarina. Lá, as comunidades reagiram com indignação contra mortes por parte da Polícia Militar.

Justiça e fim da violência

Na mesma semana do assassinato de João Pedro e João Victor em São Gonçalo e na Cidade de Deus (RJ), em Florianópolis (SC), uma

VOLTANDO ÀS RUAS: #ADIAENEM NO MEC MOSTROU O CAMINHO!

Campanha pelo adiamento do ENEM ganhou muita força nas últimas semanas e obrigou o governo a recuar estendendo as inscrições e adiando a prova. Para esse primeiro passo, a UBES coletou mais de 50 mil assinaturas pelo adiamento, vários outros setores se posicionaram, inclusive universidades e secretarias de educação. No dia 15 de maio, o DCE UMB foi até a porta do MEC em Brasília para exigir o adiamento e o respeito ao distanciamento social. Essa iniciativa da qual participamos é um exemplo de como podemos enfrentar esse governo. É a luta continua: 30 dias é pouco, ENEM é com ensino presencial!

Enquanto o desemprego entre jovens aumenta, vimos o Paulo Guedes, ministro da economia, sugerir a contratação de 1 milhão de jovens e 500 reais para trabalhar em quartel militar. Muitos jovens perderam seus empregos e já esperam o anúncio emergencial a mais de mês. Nas prefeituras não vemos o Estado através dos pontos de saúde, mas sim dos cambalhões da PM. No Brasil, jovens negros usando máscara de proteção viram suspeitos!

Mas do 15 de maio com as enfermeiras em Brasília para as várias categorias se organizaram para ir às ruas em protesto com distanciamento, proteção e segurança, como os estudantes no MEC e os residentes no Min. da Saúde. É isso aí, não vamos deixar as ruas para os bolsonaristas. Não, com distanciamento social e proteção e segurança reforçada, vamos ao nosso lugar nessa situação. Sigamos firmes na luta para dar fim neste governo que só aumenta a crise.

O pedido de impeachment protocolado pelo PT se juntou a vários outros arquivados na gaveta de Rodrigo Maia. Apoiemos todas as formas de luta pelo fim do governo sem esquecer que o congresso não vai resolver a situação pelo povo, ele aprovou medidas como o congelamento do salário de servidores. Ao lado, o STF manteve a MP 918 que precariza o trabalho. Nada de medidas pra socorrer o povo. Foi isso a luta continua e retoma às ruas, a exemplo do pessoal que protestou pela reabertura do hospital público Sorocaba na região da Lapa em SP.

Para passar dessa crise precisamos de mais serviços públicos, escola e universidade pública, assistência social e política de moradia e por aí vai. Essas questões passam pelas eleições municipais que estão previstas. Vamos participar delas com essas reivindicações, apoiando candidaturas políticas e fortalecendo assim a luta pelo fim do governo Bolsonaro.

Fora o jovem e que lutar pelo fim desse governo autoritário! Fora do STF e fora com a gente, participe das nossas reuniões online!

Enfrente esse governo autoritário que destrói nossa luta!

Enquanto o desemprego entre jovens aumenta, vimos o Paulo Guedes, ministro da economia, sugerir a contratação de 1 milhão de jovens e 500 reais para trabalhar em

quartel militar. Muitos jovens perderam seus empregos e já esperam o anúncio emergencial a mais de mês. Nas prefeituras não vemos o Estado através dos pontos de saúde, mas sim dos cambalhões da PM. No Brasil, jovens negros usando máscara de proteção viram suspeitos!

Mas do 15 de maio com as enfermeiras em Brasília para as várias categorias se organizaram para ir às ruas em protesto com distanciamento, proteção e segurança, como os estudantes no MEC e os residentes no Min. da Saúde. É isso aí, não vamos deixar as ruas para os bolsonaristas. Não, com distanciamento social e proteção e segurança reforçada, vamos ao nosso lugar nessa situação. Sigamos firmes na luta para dar fim neste governo que só aumenta a crise.

O pedido de impeachment protocolado pelo PT se juntou a vários outros arquivados na gaveta de Rodrigo Maia. Apoiemos todas as formas de luta pelo fim do governo sem esquecer que o congresso não

Enfrente esse governo autoritário que destrói nossa luta!

Enquanto o desemprego entre jovens aumenta, vimos o Paulo Guedes, ministro da economia, sugerir a contratação de 1 milhão de jovens e 500 reais para trabalhar em

quartel militar. Muitos jovens perderam seus empregos e já esperam o anúncio emergencial a mais de mês. Nas prefeituras não vemos o Estado através dos pontos de saúde, mas sim dos cambalhões da PM. No Brasil, jovens negros usando máscara de proteção viram suspeitos!

Mas do 15 de maio com as enfermeiras em Brasília para as várias categorias se organizaram para ir às ruas em protesto com distanciamento, proteção e segurança, como os estudantes no MEC e os residentes no Min. da Saúde. É isso aí, não vamos deixar as ruas para os bolsonaristas. Não, com distanciamento social e proteção e segurança reforçada, vamos ao nosso lugar nessa situação. Sigamos firmes na luta para dar fim neste governo que só aumenta a crise.

O pedido de impeachment protocolado pelo PT se juntou a vários outros arquivados na gaveta de Rodrigo Maia. Apoiemos todas as formas de luta pelo fim do governo sem esquecer que o congresso não

✪ Militantes da Juventude Revolução do PT colam cartazes pelo fim do governo na cidade de São Carlos (SP)

✪ Novo boletim da JRD do PT discute a retomada às ruas, Enem e genocídio da juventude negra. Integra em <https://bit.ly/VoltandoAsRuas>.

Manifestações e manifestos

Sinais de corrosão do governo Bolsonaro se intensificam. Mas nem todos indicam a mesma direção.

Aumentam as mobilizações e atos presenciais de sindicatos - não apenas os das categorias essenciais - e de movimentos populares pelas reivindicações, combinadas com o Fora Bolsonaro.

Nas ruas começam a surgir manifestações para colocar fim ao governo Bolsonaro, como em Manaus em 2 de junho. No último dia 31, puxadas pelas torcidas organizadas elas ocorreram em várias capitais. No próximo dia 7, agora com o apoio do PT, de movimentos populares e sindicatos, novas irão ocorrer.

Estas manifestações, destacando a defesa da democracia e o Fora Bolsonaro, são organizadas por jovens e trabalhadores que sentem na pele o efeito das desigualdades escancaradas pela pandemia. O acidente que matou um menino de 5 anos no Recife, filho de uma empregada doméstica, não por acaso negra, obrigada a passear com os cachorros da madame enquanto a madame fazia as unhas, é uma face repugnante e criminosa desta desigualdade, face nua e crua de uma classe dominante, saudosa dos 300 anos de escravidão.

Agora parte desta classe dominante, que não hesitou em perseguir o PT, dar o golpe do impeachment e eleger Bolsonaro para

seguir esfolando os trabalhadores, quer se apresentar com outra cara para salvar a pele.

No mesmo final de semana que as manifestações contra o governo voltaram às ruas, foi lançado o manifesto "Juntos", assinado, entre outros, por Fernando Henrique Cardoso, empresários, e que tais, com maquiagem democrata, mas sem uma palavra sobre Bolsonaro. Um manifesto que está pouco se lixando para os trabalhadores que perdem

planeta a condições sub-humanas de vida.

O manifesto, saudado em editoriais dos jornalões, afinal é a maquiagem que precisam para deixar tudo como está, não foi assinado pelo PT, embora alguns petistas tenham embarcado. Lula, numa dura e justa crítica, em reunião do Diretório Nacional do partido (ver pag. 4), alertou que toda vez que o povo começa a se manifestar para mudar suas condições de vida, as classes dominantes se articulam para colocar um freio e deixar tudo como está.

Ao não se confundir com tal manifesto o PT ajuda as manifestações que retomam as ruas pelo fim do governo.

"Ninguém aqui esquece o receio de contrair a covid-19, mas coisas precisam mudar", disse um manifestante nos protestos que há 10 dias tomam conta das ruas dos Estados Unidos, depois do assassinato de George Floyd (págs. 11 e 12). De epicentro da pandemia, os EUA agora tornam-se o epicentro das mobilizações em repúdio ao assassinato e em defesa dos direitos em cada país. O Brasil vai sintonizando-se ao relógio da luta da classe no mundo, afinal aqui também as coisas precisam mudar. Com os cuidados sanitários diante da pandemia e a ousadia para avançar na luta contra o vírus mortal do capitalismo. Viva a retomada das ruas! Fora Bolsonaro!

OS DE CIMA TENTAM SALVAR A PELE, OS DE BAIXO QUEREM O FIM DO GOVERNO

direitos, empregos e salários. Para os milhões que não conseguem receber o auxílio de R\$600,00. Para as empregadas domésticas, para os trabalhadores informais... Isto porque é assinado por muitos dos que apoiam a política que no Brasil e no mundo mostra, diante da pandemia, a criminosa face do capitalismo ao destruir serviços públicos, deteriorar as condições de trabalho e submeter milhões de seres humanos de todo o

REVISTA A VERDADE EDIÇÃO 104

Em formato digital foi publicada a edição nº 104 de A Verdade, revista teórica da 4ª Internacional. Os artigos tratam de processos que estavam em curso, antes da pandemia, na luta de classes mundial, processos revolucionários que se desenvolviam em todos os continentes, como produto da profunda crise do sistema capitalista.

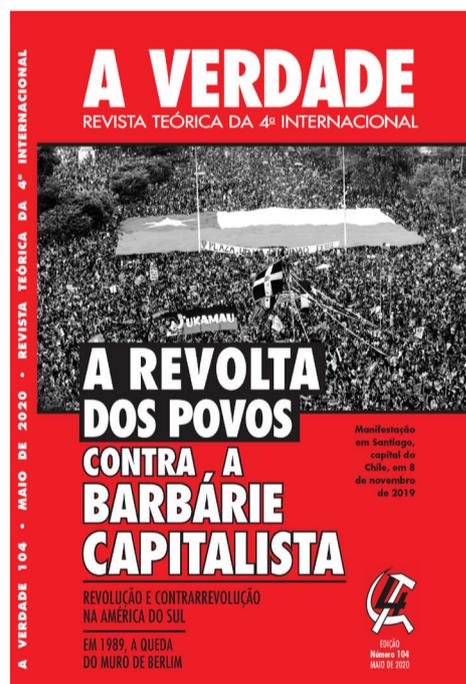
O editorial, sob o título "Bem escavado, velha toupeira" (referência a citação de Marx em "O 18 Brumário de Luís Bonaparte"), destaca os processos revolucionários que se desenvolvem nos continentes que, a partir de reivindicações elementares, rapidamente colocam em questão os regimes os quais estão à serviço do capital financeiro.

As lutas dos povos fazem parte de um processo revolucionário construído ao longo de décadas, feito de explosões, de derrotas, de vitórias parciais e recuos, em um longo processo subterrâneo (como uma toupeira...) que "vê a ira das massas se acumular, e (...) por uma questão aparentemente secundária, surge para colocar abaixo o antigo regime".

Não há mais espaço para as concessões que a burguesia imperialista foi obrigada a fazer aos trabalhadores após a 2ª. guerra mundial. Elas precisam ser destruídas para o capital sobreviver, alimentado pela especulação financeira com uma massa crescente de capitais fictícios, cada vez menos investidos na produção. O regime social, baseado na propriedade privada dos meios de produção se esgotou.

Convidamos todos à leitura!

VOCÊ PODE ADQUIRIR SEU EXEMPLAR ATRAVÉS DO NOSSO SITE POR R\$ 5,00.

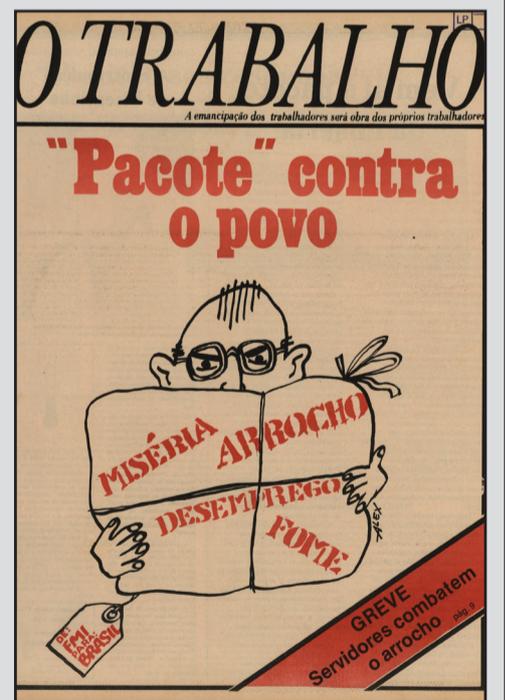


Memória

PATRÕES APOIAM ATAQUES DE FIGUEIREDO AO POVO

O vocabulário de tragédias dos trabalhadores brasileiros tem agora mais uma palavra. "Pacote". Mas uma palavra que (...) tem significado muito conhecido no dia a dia do povo: arrocho salarial, desemprego, miséria, fome. (...) O patronato inteiro se alinha com o general Figueiredo. Como diz em editorial o jornal "O Estado de S. Paulo": "sente-se que, exceto alguns setores recalcitrantes, o apoio às providências é geral, não se sabendo, apenas, se serão suficientes para conter a crise" (8/6). Medidas um pouco mais violentas ou um pouco menos, o patronato só diverge quanto à dose dos ataques às condições de vida do povo. O que causa incômodo nas cúpulas é, em qualquer caso, os temores diante da reação popular.

O Trabalho nº 202 - 9/6/1983



ERRATA: na edição 866, a capa de OT publicada é do nº 151 (de 15/5/1982)

Quem somos

O jornal O TRABALHO é o órgão da Corrente O Trabalho do PT, seção brasileira da 4ª Internacional. Sua edição nº 0 foi lançada em 1º de maio de 1978, em plena ditadura militar. Um jornal a serviço da luta dos trabalhadores, no Brasil e no mundo, ele se mantém fiel desde então à luta pelo fim do capitalismo, pela emancipação dos trabalhadores que será obra dos próprios trabalhadores. Em toda sua história, manteve o compromisso assumido em 1º de maio de 1978: "um jornal independente dos patrões, de seus partidos e governo". É por isso que ele se sustenta, exclusivamente, pela venda junto aos trabalhadores e jovens, os nossos leitores. Ele é vendido de mão em mão ou por assinaturas e toda arrecadação é para manter o próprio jornal.

Site: www.otrabalho.org.br

Facebook: www.facebook.com/jornalotrabalho

Diagramação: Paulo Henrique Barbosa Mateus

Lula no DN: “O PT precisa definir o manifesto que interessa”

“A gente não pode pegar o primeiro ônibus que está passando”

Em reunião do Diretório em 1º de junho, transmitida pela TVPT, Lula falou com clareza que o PT tem que “estar presente” no meio da pandemia, para defender e não “trair os princípios que o fizeram nascer”. O Trabalho reproduz momentos desta fala histórica.

“Estou acompanhando os manifestos e acho que o PT precisa ter uma definição: o que o PT quer fazer?”

Estou dizendo isso para a gente não pegar o primeiro ônibus que está passando.

Li os manifestos, acho que tem pouca coisa de interesse da classe trabalhadora. Não se fala em classe trabalhadora, não se fala nos direitos perdidos! Fico preocupado, as pessoas acabaram de cometer um ato ilícito, tirando uma presidenta da república, eleita democraticamente. Aí perceberam que o troglodita que eles elegeram não deu certo. Agora querem tirar o troglodita, pra que? Nós queremos tirar o Bolsonaro pois ele não cuida da pandemia, da economia, da política externa, porque o Bolsonaro não gosta de negro, de mulher, de índio, de defender o meio ambiente. Bolsonaro não gosta do povo trabalhador.

Alguém pode dizer, poxa, o Lula tá com raiva outra vez. Eu não estou com raiva, apenas não posso aceitar aquilo que as pessoas que ajudaram a destruir o país estão querendo fazer. Você percebe, Dilma, que mesmo os manifestos feitos com boas intenções, tem gente muito boa assinando, e tem aqueles que tão fugindo do barco. Ninguém fala dos direitos perdidos dos trabalhadores! Vai ter um debate, organizado pelos mesmos tucanos do debate no Tuca, “Direitos Já!”. Mas eles acabaram de tirar os direitos dos trabalhadores! Acabaram quase de rasgar constituição [na parte] dos direitos dos trabalhadores. Criaram a economia informal maior que a economia formal, e agora tão dizendo que vão fazer debate por direitos!

“Eles querem reeducar o Bolsonaro, não o Guedes”

A coisa principal nesse momento para que o PT vá pra rua, é a defesa da vida do povo. É a questão sanitária que está ligada à questão econômica.

Que é preciso liberar o dinheiro para as pessoas ficarem em casa. Estamos há mais de 30 dias numa briga que o povo tem que ficar em casa, isolado, e uma parte das pessoas não ficam porque precisam comer. Como vamos preservar a vida? É preciso de dinheiro para as pessoas. O governo diz que não tem dinheiro, mas o governo pode rodar dinheiro novo, pode fazer dívida em benefício do povo. Ele conseguiu com facilidade arrumar 1 trilhão e 200 bilhões para os banqueiros. E pros miseráveis, R\$ 600,00 demora pra chegar. O Guedes tá falando em reduzir a R\$ 200,00.

O que eles estão tentando é apenas reeducar o Bolsonaro. Mas não querem reeducar o Guedes. O Guedes que continue fazendo toda malquice que faz na economia. Que venda todo o patrimônio público. Que minta para a sociedade sobre o futuro do Brasil.

“O trabalhador precisa de emprego e de salário! E não vejo isso”

Não podemos ser levados pela euforia. Eu vi o manifesto “Basta!” dos advogados. Eles mereceram o rodapé do jornal O Globo... Vi o destaque do manifesto “Todos juntos” - ocupou quase 3 minutos no Jornal Nacional! Fiquei pensando se a Globo não tinha ajudado a fazer, ou era uma coisa ligada à Globo. Eu sei que tem muita gente, inclusive do PT, que acha maravilhoso, sabe, vamos assinar abaixo-assinado... é importante lembrar que eles nem quiseram que o PT assinasse. Eu recebi um convite pessoal, mas quero saber se o PT foi. Muita gente de outros partidos políticos foi, até FHC, um dos que ajudou a derrubar a Dilma. Tô vendo outros que fizeram campanha e chamaram a Dilma de corrupta.

O PT não tem idade para outra vez entrar enganado. Não sei muitas dessas pessoas o que estão querendo, não é tirar o Bolsonaro, não. No editorial d’O Globo tão pensando em fazer um acordo para o Bolsonaro ficar!

O que interessa para a elite brasileira é a política do Guedes. A política de desmonte. Tem alguns empresários sérios que conheço que estão muito putos com o governo pela política do desmatamento. Mas tem



Lula durante intervenção na reunião do DN-PT

um monte de empresário que quer que se dane o meio ambiente. Então, o PT precisa se fazer presente na sociedade, com o papel de liderança que tem. O PT não é uma coisa qualquer. No PT já teve situações difíceis. Os mais velhos comigo se lembram, quando a gente não foi ao Colégio Eleitoral e foi tripudiado. E nós estávamos certos. Vejo uma tentativa, muito grande de isolar o PT. A tentativa de fazer o PT desaparecer do cenário. O PT não desaparece porque o PT nasceu diferente dos outros partidos políticos. O PT nasceu porque um dia a classe trabalhadora tomou consciência que queria um partido político. Ninguém acreditava e ele nasceu.

“Não tenho condições de assinar junto com determinadas pessoas”

Fiquei muito orgulho de ver as pessoas na Paulista e no Rio de Janeiro ontem. A única coisa que eu não quero é que a gente aceite colocar panos quentes na consciência política do povo.

Estou conversando com muita gente, estou lendo os manifestos. Vi o manifesto dos advogados “Basta!”, todos esses manifestos tem importância para a sociedade e para democracia. Mas é preciso que o PT defina qual é o manifesto que interessa ao PT. Qual é a linguagem que interessa ao PT. Aí eu acho que o PT pode assinar com outros partidos, mas o PT precisa ter um discurso do que deseja, senão a gente vai se deixar levar outra vez pela elite brasileira que, historicamente, só foi derrotada por causa do PT nas eleições de 2002.

Nós precisamos saber de uma coisa muito séria, o Brasil precisa do PT. Podem estar certos disso. Não estou

falando do Lula, não tô falando de vocês, Gleisi, é o PT enquanto instituição política viva. Enquanto militância de base, de porta de fábrica, de comércio e banco. Essa gente que está na rua precisa disso.

Desculpa a braveza. Mas já é a 3ª vez que falo bravo na reunião do PT, não sei se é o coronavírus, não sei se eu tô em casa. O PT não tem mais idade para aceitar eles fazerem com o PT o que fizeram a vida inteira. O PT fez o maior governo que esse país já conheceu e tentaram passar para a sociedade que o PT destruiu o país. Obviamente que a Dilma e eu cometemos erros. Obviamente que o governo deveria fazer uma coisa e fez outra. Erros todo mundo comete. Mas ninguém, jamais foi destituído da forma mentirosa como foi a Dilma. Ninguém!

E não dá, sinceramente, Dulci, não tenho condições de assinar determinados documentos junto com determinadas pessoas.

Eu sei que na democracia a gente fecha os olhos e vai. Lembro do Tancredo Neves no comício das Diretas, em Belo Horizonte: “o que que a gente faz com esse povo?”. Porra, governa pra ele, pô! O que faz com o povo? Você chama o povo para ele te dar força, na hora que ele te dá, você não sabe o que faz com ele? Sempre foi assim, Dulci, você é professor, sabe.

No Brasil sempre foi assim, todas as vezes que o povo trabalhador começou a conquistar 1 milímetro no espaço econômico, 1 milímetro no espaço social, a elite dá um jeito de achar que o trabalhador tá ganhando demais, folgado demais, então tem que tirar os direitos trabalhistas. É contra isso que o PT tem que se insurgir com muita força para que a gente não traia os princípios que fizeram esse partido nascer para defender a classe trabalhadora, defender os oprimidos do país.”



DAP TERÁ PLENÁRIA NACIONAL VIRTUAL

Coordenações estaduais e grupos de base vão se reunir

Comitê Nacional do Diálogo e Ação Petista, em reunião virtual realizada dia 29 de maio, decidiu pela realização de uma Plenária Nacional do DAP, no próximo dia 13 de junho, às 17 horas. A Plenária tem o objetivo de discutir a situação política, ouvindo os militantes dos vários estados, e aprovar ações concretas de luta.

Representantes de todos os estados onde o DAP atua devem participar. Onde há coordenações estaduais, seus integrantes deverão estar presentes. Os demais estados serão representados pelos grupos de base.

Espera-se uma presença de 100 a 150 militantes. A Plenária terá uma duração de duas horas e meia a três horas.

Além dos militantes do DAP, deverão ser convidados dirigentes do PT e do movimento sindical. O Comitê Nacional tentará viabilizar a participação de companheiros de outros países, reafirmando a posição internacionalista do DAP.

Conjuntura

Em meio à grave crise econômica, social, política e sanitária (já há mais

de 30 mil mortes no Brasil devido ao coronavírus), o Comitê Nacional debateu a situação, abordando a escalada autoritária de Bolsonaro, com apoio das forças armadas, mas também a volta das manifestações de trabalhadores nas ruas. Essa discussão deverá ser levada ao PT, no sentido de que o partido deve apoiar essas manifestações e tomar a iniciativa de reocupar as ruas, com todos os cuidados que a situação exige.

Deverá ser elaborado um documento do DAP sobre essas manifestações. Outro documento abordará

o problema da educação à distância (EAD) e os milionários do setor que se aproveitam da pandemia para aumentar seus lucros.

A próxima reunião do Comitê Nacional será dia 17 de junho.

Lives

Na preparação da plenária, duas lives com dirigentes do Diálogo e Ação Petista serão produzidas. Uma sobre a conjuntura nacional e outra sobre a situação internacional. E serão apresentadas nas redes sociais do DAP.

Roberto Salomão

LINO PERES, CANDIDATO DO PT EM FLORIANÓPOLIS



Vereador Lino Peres, escolhido pelo PT-Florianópolis para candidato a prefeito.

Encontro Municipal do PT de Florianópolis, realizado dia 25 e abril, escolheu o vereador Lino Peres como seu candidato a prefeito. Ele obteve 62% dos

votos no encontro virtual.

Lino Peres participa dos movimentos negros e também impulsiona o Diálogo e Ação Petista em Santa Catarina.

Terminado o encontro, Lino declarou: "Vamos agora construir uma frente eleitoral com um programa em defesa dos interesses da classe trabalhadora e dos marginalizados da cidade".

Lino Peres concedeu uma breve entrevista ao Diálogo e Ação Petista.

DAP- O PT sai unido do encontro municipal?

Lino Peres- Estou convencido disso. As forças que me apoiaram (CNB, DAP, EPS) o fizeram por concórdia com nossa plataforma, Mas as

demais correntes, como a DS e a MS, com certeza estarão juntas. Agora a tarefa é levar nossas propostas ao povo de Florianópolis para mudar esta cidade.

DAP- Com quais partidos o PT quer se aliar nessas eleições?

LP- O PT de Florianópolis faz parte da Frente de Esquerda (Floripa Pra Frente), junto com PSOL, PCB, PCdoB, PDT, Unidade Comunista, Unidade Popular, PCO, PSB e REDE, que vem se reunindo há um ano e meio. O PT está construindo o seu programa de governo para depois apresentar à Frente.

DAP- E qual seria este programa?

LP- Aliança só de esquerda e com programa voltado para os trabalhadores, vinculando as questões locais com a pauta nacional. É fora Bolsonaro e seu governo, fim dos processos contra Lula, fora governador Moisés, fim do processo de privatização da gestão pública do atual prefeito Gean Loureiro, valorização dos servidores públicos, testagem massiva e equipamentos de proteção contra a covid-19 para os trabalhadores e trabalhadoras da saúde!

NO PARANÁ A DISCUSSÃO ELEITORAL E DA RETOMADA DAS LUTAS

PT de São José dos Pinhais, cidade industrial na região metropolitana de Curitiba, enfrenta a necessidade de uma decisão: ter candidato próprio a prefeito ou apoiar o candidato do PTB, um empresário. A deliberação ocorrerá no final de junho.

No PED, houve chapa única, de consenso. Agora, no entanto, a discussão sobre tática eleitoral provocou uma diferenciação. O Diálogo e Ação Petista, a maior parte da CNB, MS e independentes defendem a candidatura própria. A DS inclina-se a apoiar o candidato do PTB, apoio que era até há pouco tempo explícito, mas agora se disfarça sob a capa de "abrir a discussão".

O DAP fez uma reunião no dia 26 de maio na qual reafirmou sua posição de defesa da candidatura própria. Para Edson Lara, do DAP, "é necessário ampliar e aprofundar o debate para não correremos o risco de apoiar uma chapa que, se eleita, defenda as políticas neoliberais e passe a integrar a base de apoio de Bolsonaro".

Há uma crescente inquietação entre os militantes do PT, que esperam uma definição sobre a posição que o partido deve adotar. "Alguns dirigentes propagam a ideia de que tudo já está arranjado e apenas o PT está fora. Como se isso fosse justificativa para uma aliança que não atende aos interesses dos trabalhadores", diz Lara. Essa inquietação deve estar na base da recente oscilação da DS.

O que precisamos neste momento é de calma. Calma para não sermos atropelados por decisões

precipitadas. Uma análise cuidadosa na conjuntura, tanto local como nacional, é necessária para tomada de decisões. Para isto temos tempo, conforme calendário definido pela executiva nacional, pois as decisões e convenções podem ocorrer até julho, se não houver adiamento das eleições.

Uma dissidência da CNB divulgou um documento que defende o apoio ao candidato do PTB. A questão não está resolvida.

O DAP deve fazer nova reunião em breve para discutir a continuidade de sua intervenção nesse debate.

Em Curitiba, DAP propõe ato

O grupo de base do DAP de Curitiba discutiu, em reunião virtual, a situação nacional. Após discussão aprovou a proposta de realização de um ato no centro da cidade pelo fim do governo Bolsonaro.

A proposta foi levada ao PT e depois ao Comitê Unificado de Lutas (composto por partidos de esquerda, centrais sindicais e movimentos populares). O Comitê, reunido em 3 de junho, aprovou a proposta e o ato está sendo organizado.

Foi decidido também promover um debate sobre a defesa e a ampliação dos serviços públicos. Sobre as eleições, o DAP defende a unidade do partido no processo de escolha da candidatura a. Vai ser agendado debate com os dois pré-candidatos, onde o DAP apresentará suas propostas.

Correspondente



"Não às demissões na Bahia! Fim do governo Bolsonaro!"
Em manifestação realizada em 1º de junho em Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano, na porta da fábrica de calçados BIBI, sindicalistas e militantes do Diálogo e Ação Petista denunciaram as consequências destruidoras das medidas econômicas adotadas pelo governo Bolsonaro, que retiram direitos dos trabalhadores e têm provocado centenas de demissões no ramo calçadista na Bahia. Os manifestantes afirmam que o governador Rui Costa precisa se reunir com a CUT e os sindicatos da base calçadista para impedir o fechamento das fábricas e as demissões.

Iniciou-se debate na CUT sobre mobilizações nas ruas

Ainda com dúvidas, hesitação e até oposição de membros da sua executiva nacional

Em 26 de maio, João Batista Gomes e Marize Carvalho enviaram a todos os demais membros da executiva nacional da central uma carta intitulada “Reposicionar a CUT diante da aceleração da crise”, pedindo uma reunião da instância o quanto antes. A carta dizia:

“Desde a manifestação das enfermeiras no DF em 1º de Maio, começaram a ocorrer atos e manifestações presenciais, com distanciamento e máscaras, não só no setor que está na linha de frente do combate à Covid-19 (...).

Foram e serão manifestações pequenas, não de milhares, mas necessárias, não só porque saem nas mídias e são observadas pelo povo, mas também para não deixar as ruas à disposição exclusiva de grupos bolsonaristas. Elas podem ser um exemplo de responsabilidade em defesa da vida, ao serem feitas com todos os cuidados necessários, e reforçarão a resistência contra a política do governo, para além da ‘bolha’ das redes sociais e eventuais ‘barulhaços.’”

A reunião de 2 de junho

Convocada a executiva para

reunir-se em 2 de junho, João e Marize enviaram nova carta na véspera:

“Em países que ainda estão no auge da pandemia, como Chile e Equador, explodiram revoltas da fome ou começaram manifestações de rua.

Agora, depois do assassinato de Floyd pela polícia racista, no país que é o epicentro da Covid-19 com mais de 100 mil mortos, os Estados Unidos, explode uma mobilização popular que já dura vários dias e tem impacto mundial. (...)

Chegou a hora, com todos os cuidados e sem improvisações, de retomar as ruas progressivamente – como entidades cutistas já estão fazendo – inclusive na luta pelo Fora Bolsonaro, sob pena de assistirmos a escalada autoritária e golpista do governo das janelas, enquanto grupos fascistóides ocupam praças e locais públicos com atos e carreatas. A história vai nos cobrar caro, se não nos prepararmos para enfrentá-los em todos os terrenos.”

Entretanto, no debate, houve dirigentes que hesitavam, outros em dúvida e ainda aqueles que eram totalmente contrários ao incentivo

da CUT aos atos presenciais, argumentando que isso enfraqueceria o isolamento social e que poderia tirar de Bolsonaro a responsabilidade pelas mortes por Covid-19.

Quanto às manifestações que entidades cutistas já vêm fazendo (veja página ao lado), ninguém propôs desautorizá-las, felizmente. A continuidade da discussão foi remetida para a direção nacional da central, que se reúne em 9 de junho.

A CUT não pode limitar-se ao “fique em casa”

Ocorre que a maioria dos trabalhadores não está em “isolamento” e é obrigada a pegar transportes lotados para comparecer a fábricas, bancos, obras da construção civil, sem proteção eficaz (a qual deve ser exigida pelos sindicatos), para além dos setores ditos “essenciais”. Os sindicalistas não podem “ficar em casa” enquanto sua base trabalha, devem estar ao seu lado, organizando a sua luta.

A Mercedes Benz de São Bernardo, como outras montadoras, voltou ao trabalho a partir de um acordo com o sindicato sobre as condições sanitárias necessárias para tanto,

que são fiscalizadas pela comissão de trabalhadores. Trata-se da fábrica de origem de Sérgio Nobre, que nesse debate na CUT se opôs, neste momento da pandemia, a atos presenciais.

Não teriam os sindicatos cutistas condições de organizar, tal como o sindicato dos metalúrgicos do ABC fizeram na produção da Mercedes, manifestações de rua que preservem seus participantes do contágio? Em que os atos presenciais, como receiam alguns dirigentes, reforçariam a pressão dos patrões para a volta ao trabalho? Em tese eles poderiam inclusive ser contra uma volta precipitada, como nas escolas, por exemplo.

O que se trata para a CUT é de incentivar e organizar ações de rua pelas reivindicações dos trabalhadores e pelo Fora Bolsonaro, com máscaras, distância e, inclusive, com segurança própria para evitar provocações de grupos fascistóides ou das próprias PMs.

Essa é uma discussão necessária e que, com certeza, já existe e vai avançar nas bases da CUT.

Julio Turra

MP 936 aprovada na Câmara, “vitórias” do movimento sindical?

Agora ela vai ao Senado, enquanto entra a MP 927 para a votação dos deputados



pelo relator, Orlando Silva (PCdoB), as principais delas derrubadas pelo “centrão”.

Mas uma nota das centrais sindicais, assinada pelo presidente da CUT, Sérgio Nobre, junto com os da Força Sindical, CTB, UGT, CSB, CGTB e Índio da Intersindical-CCT, ao invés de chamar os sindicatos a lutar contra a sua aplicação pelos patrões e mobilizar por acordos coletivos que evitem seus efeitos, prefere festejar as “Vitórias do movimento sindical na MP 936” (título da nota).

Essa é a consequência da posição anterior das centrais de considerar a MP 936 “insuficiente” e que devia ser “melhorada”. Nessa toada, qualquer “melhoria” vira “vitória” e se perde o todo: essa MP coloca nas mãos dos patrões a decisão de cortar jornadas e salários através da imposição de acordos individuais na maioria dos casos.

As “vitórias”, na verdade melhorias

limitadas, são: garantir auxílio maternidade às gestantes, impedir a demissão sem justa causa de deficientes físicos e a “ultratividade” dos acordos e convenções que vençam no período emergencial. Os prejuízos, que já eram grandes, aumentam no texto final: atropelamento da convenção nacional dos bancários quanto à jornada de trabalho e reintrodução da proposta da caducada MP 905, a qual diminui o que o trabalhador vai receber em processos trabalhistas.

Tapinha nas costas

Mas a nota das centrais não é para mobilizar as suas bases, é para dar tapinha nas costas dos seus dirigentes, de parlamentares de oposição e do relator pelo seu “esforço”. Isso quando Orlando Silva deixou nas mãos de Bolsonaro a possibilidade de, por decreto, estender o período de redução de salários (três meses) e de suspensão do contrato (dois

meses) para o período pelo qual for vigente o estado de calamidade pública decorrente da pandemia.

Essa nota é mais um produto do “fórum das centrais”, que se comporta como “direção” do movimento sindical, rebaixando a posição da CUT à busca de “consensos” entre as cúpulas sindicais e delas com empresários e parlamentares para minimizar as duras medidas do governo Bolsonaro, sem combatê-las de frente.

Agora vem a MP 927, que ataca o direito a férias, o pagamento de horas extras, retira direitos estabelecidos em acordos coletivos, introduz acordos individuais para teletrabalho, estica a compensação de banco de horas até 2022. Ela pode ser votada na Câmara a qualquer momento, enquanto a MP 936 vai ao Senado. Vai se repetir a mesma tática “genial”?

JT

Assembleia em Florianópolis discute greve!

Trabalhadores da Comcap (limpeza pública) estão dispostos a lutar

Ouvimos o presidente do Sintrasm (servidores municipais), Renê Munaro, sobre a assembleia que reuniu centenas de trabalhadores da Comcap (limpeza pública), em Florianópolis, 29 de maio, respeitando de forma exemplar todas as medidas sanitárias, para discutir greve.

O Trabalho - O que levou o sindicato a convocar a assembleia?



Renê Muraro - O prefeito Gean antecipou o congelamento de salários, planos de carreira, suspendeu pagamento de férias e 13º salário,

ameaçando de os trabalhadores temporários. Um ataque em regra nos direitos que tem relação com a política de Bolsonaro e Guedes de esfoliar a classe trabalhadora.

OT - O que decidiu a assembleia e qual a reação do prefeito?

RM - Decidiu um indicativo de greve. Diante da determinação de luta da categoria, a prefeitura apresentou, em 3 de junho, uma proposta de garantia dos empregos e retomada do pagamento de férias e 13º, além de medidas de saúde e segurança para os trabalhadores, como manter um transporte próprio



para a Comcap, testagem e aferição de temperatura de todos. A categoria reconheceu os avanços, mas manteve o estado de greve com nova assembleia

marcada se o prefeito não recuar no congelamento do plano de carreira.

OT - Que medidas foram adotadas para reunir a assembleia?

RM - Distanciamento de dois metros entre cadeiras distribuídas no pátio da Comcap, uso de máscaras e aferição de temperatura de todos os presentes, que se sentiram seguros para deliberar em assembleia presencial. O sindicato discute como fazer a discussão com os demais servidores municipais nas diferentes secretarias. Vamos buscar a unificação da luta.

Após ato no Sorocabana, Covas anuncia reabrir 60 leitos

Segue a luta pela sua reabertura total do hospital, fechado desde 2010

Em 22 de maio, em frente ao Hospital Sorocabana, no bairro da Lapa em São Paulo, fechado desde 2010, ocorreu um ato exigindo a sua reabertura.

Em 29 de maio, o prefeito Bruno Covas (PSDB), prometeu a abertura de 60 leitos de enfermagem para tratar pacientes com Covid-19. Uma vitória dos movimentos que lutam pela reabertura do hospital desde 2010. A prefeitura teve que responder, mesmo que parcialmente, a uma exigência que, quinze dias antes, dizia "estar fora de questão nesse momento".

O Hospital Sorocabana foi criado em 1955 por uma associação de ferroviários. Quando foi fechado, fazia mais de 20 mil atendimentos

mensais. Reaberto, ele teria a capacidade para 150 leitos.

O ato pela reabertura reuniu dezenas de moradores dos bairros da Pompéia, Perdizes, Lapa, Brasilândia e Freguesia do Ó. Ele foi organizado pelo "Reabre Sorocabana", movimento iniciado por militantes do Diálogo e Ação Petista, petistas de bairros da região e movimentos populares, como o "Saúde na Brasilândia Pede Socorro".

"Sorocabana é da população"

Aos gritos de "Governo Dória, preste atenção: Sorocabana é da população", o ato contou com a presença de dirigentes dos sindicatos dos servidores municipais (Sindsep), dos trabalhadores da saúde

(Sindsaúde) e dos médicos (Simesp), além do deputado federal do PT, Alexandre Padilha, e o candidato à prefeitura pelo PT, Jilmar Tatto.

Em sua fala, Jilmar disse que o "meu primeiro compromisso na prefeitura será reabrir o Hospital Sorocabana". Os oradores denunciaram o descaso dos governos do PSDB com a saúde e a entrega de dinheiro para as Organizações Sociais montarem hospitais de campanha provisórios, ao invés de reabrir os hospitais públicos que estão fechados na cidade.

O "Reabre Sorocabana" discute novas ações para exigir a reabertura completa do hospital, 100% público e sob gestão direta da prefeitura.

Lili de Souza

Continua campanha na EBC-RJ

Em defesa da vida e dos direitos e agora contra a privatização

A campanha iniciada no Rio pelos sindicatos dos radialistas, jornalistas, servidores federais e pela comissão de empregados da EBC-RJ, em defesa da saúde dos trabalhadores em serviço essencial, já havia ampliado a sua pauta para a defesa do emprego, salários e direitos e agora também em defesa da Empresa Brasil de Comunicação contra a sua privatização, anunciada pelo governo Bolsonaro em decreto no dia 21 de maio.

A campanha já recebeu apoio de entidades nacionais, como a CUT, Central de Movimentos Populares (CMP), ABI, CNM-CUT, Condsef, Fitert, de sindicatos locais e de outros estados, além de parlamentares, como os deputados federais Vicentinho (PT-SP) e Benedita da Silva (PT-RJ), artistas e profissionais da comunicação.

O prefeito do Rio, Crivela, iniciou a flexibilização do isolamento na cidade que tem o maior número de mortes diárias do país e um sistema de saúde em colapso. Os sindicatos estaduais e a comissão de empregados da EBC-RJ estão orientando os trabalhadores, em caso de volta ao trabalho presencial de todos, a se utilizarem da cláusula de seu Acordo Coletivo que estabelece: "A EBC garante aos empregados o direito de se ausentarem do local de trabalho, após comunicação à chefia imediata, sempre que se apresentarem iminente risco e/ou condições adversas à saúde."

Marcelo Carlini

Nilton de Martins

Em São Leopoldo (RS), professores e estudantes se manifestam

Diante da Coordenadoria de Educação, por melhores condições de ensino

Na manhã de 3 de junho, uma dezena de professores, funcionários de escolas e estudantes da rede estadual fizeram um ato diante da 2ª Coordenadoria de Educação em São Leopoldo. Empunhando cartazes e pirulitos, exigiam melhores condições de trabalho e ensino, não faltando o "Fora Bolsonaro".

Há cinco anos sem reajuste salarial e com mais de 50 meses de salários parcelados, muitos professores



Ato reuniu estudantes, professores e funcionários

e funcionários têm que optar entre pagar contas de água e luz, ou comer. O PLP 39, sancionado por

Bolsonaro com veto a reajustes até 2021, torna a situação ainda mais dramática.

O ato teve a participação da Juventude Revolução do PT. Sabrina, diretora da UBES, explicou que "o ensino à distância não é de qualidade, alunos não tem ou tem que dividir um celular para estudar, o governo não dá apoio nem para estudantes e nem para professores".

Correspondente

O “Orçamento de Guerra”

Uma verdadeira vitamina para a especulação financeira

A Emenda Constitucional do “Orçamento de Guerra” (EC-106), aprovada e promulgada em meados de maio, libera o Banco Central (BC) a alimentar lucro de especuladores financeiros, salvando-os de prejuízos durante a pandemia. A suspensão de limites de gastos durante a pandemia da EC-106 já estava garantida por um decreto legislativo de março. A EC somente segregou do Orçamento da União os gastos emergenciais (num “orçamento paralelo”), objetivando contabilmente não gerar “impacto fiscal”.

O verdadeiro esforço feito pelo governo/congresso/mídia foi, portanto, para aprovar a autorização ao Banco Central (BC) de comprar (e vender) títulos e ações de empresas privadas nos mercados secundários (de revenda).

O argumento usado por seus proponentes (incluindo o presidente do BC) seria injetar liquidez no mercado e, assim, supostamente ajudar tais empresas, que estarão em dificuldades na crise.

Mas ao comprar títulos ou ações no mercado secundário, o BC não está emprestando (nem repassando) dinheiro às empresas. Estas captam empréstimos (ou capitalizam-se) apenas no mercado primário; ou seja, quando emitem originalmente títulos (ou fazem oferta de ações), que são comprados(as) por instituições financeiras, bancos etc. E estes, por sua vez, revendem especulativamente tais ativos sucessivas vezes nos mercados secundários.

Assim, ao invés de ajudar as empresas produtivas, o BC ajudará os especuladores.

As ações e títulos de empresas privadas estão altamente desvalorizados, já que tais empresas estão endividadas e com receitas gravemente comprometidas pelas quarentenas. As instituições financeiras que carregam tais ativos (ações e títulos) em suas carteiras estão, portanto, com problemas em seus balancetes.

Com a EC-106, o BC já se prontificou a realizar compras de até R\$ 1 trilhão desses ativos nesse mercado

de revenda (“secundário”). O BC assim limpará esses ativos com enormes riscos de inadimplência das carteiras das instituições financeiras que, desde janeiro e com o avanço da crise, não conseguiam vendê-los - mesmo com forte deságio. Agora, se as empresas quebrarem, quem tomará prejuízo é o BC. E este, demandando fortemente tais papéis podres, elevará seus preços, garantindo lucro aos especuladores.

Alternativas?

Se de fato quisesse ajudar empresas produtivas e salvar empregos, o BC poderia emprestar diretamente a empresas (operando no mercado primário, como permite a lei 11.882 - introduzida no pós crise/2008) ou usar os bancos públicos para fazê-lo. Ou mesmo, melhor, usar o BNDES-Par para estatizar várias delas.

Note-se que esses quase R\$ 1 trilhão a ser criado pelo BC se juntarão a outros 1,2 trilhões já disponibilizados (400 em liberação de

compulsórios/FGC - forma de remunerar o caixa dos bancos - e 800 em linhas de crédito lastreado em seus ativos duvidosos) aos bancos. Até agora, com toda essa dinheirama disponibilizada, os bancos não aumentaram crédito a empresas produtivas e famílias. Ao contrário, tornaram-se mais rigorosos na concessão de empréstimos, mantendo juros escorchantes. Usam a dinheirama para especular.

É verdade que uma quebra dos bancos geraria um efeito dominó devastador a milhões de famílias e empresas correntistas - e a dezenas de milhões de empregos. Mas há alternativas: se o BC liberar crédito aos bancos, teria de exigir deles que os repassem a empresas e famílias a taxas baixíssimas de juros (algo não exigido pela EC). Outra alternativa muito melhor, num governo do PT, seria a estatização de bancos ao invés do salvamento de seus lucros especulativos.

Alberto Handfas

Trabalhadores sofrem com brutal piora na renda

O governo ajuda o capital especulativo e no mundo do trabalho a deterioração avança

O Ministério da Economia divulgou em 27 de maio dados que revelam o esmagamento das condições de vida dos trabalhadores. De acordo com os dados, só nos meses de março e abril 9,2 milhões de trabalhadores formais tiveram seus salários reduzidos ou foram mandados embora. 1,1 milhão foram demitidos e 8,1 milhões foram empurrados para o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda criado pela Medida Provisória 936/20, que permite a suspensão do contrato de trabalho e a redução de salário e jornada.

Demissões

De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), desses 1,1 milhão de novos desempregados a maioria vem do setor de Serviços, 458,7 mil. Na sequência, os setores que mais reduziram vagas de emprego formal foram: Comércio -296 mil, Indústria -223,5 mil, Construção -79,9 mil e Agricultura - 9,6 mil. De acordo com o Caged de janeiro até a primeira quinzena de maio, foram 2.841.451 de pedidos de seguro-desemprego no país, o que representa uma alta de 9,6% frente ao mesmo período do



Centro do Rio, barracas fechadas. Em abril, 61% dos trabalhadores informais no país perderam, em média, 37% de sua renda

ano passado.

A taxa de desemprego, com isso, subiu para 12,2% no primeiro trimestre do ano, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Agora são 12,9 milhões de pessoas desempregadas no país, um aumento de 1,3% em relação ao final de 2019.

Corte de salários

O Ministério da Economia comemorou o sucesso do programa divulgando dados os quais mostram que, dos trabalhadores prejudicados pela medida, 54,4% tiveram seus contratos suspensos, ou seja, 4,4 milhões.

Outros 991 mil trabalhadores tiveram redução de salário de 70%, 1,4 milhão redução de 50% e 1,1 milhão redução de 25%.

Ampla queda de renda

Porém, o número de trabalhadores formais que tiveram sua renda reduzida é ainda maior. Os dados acima não contam o mês de maio. De acordo com o próprio governo,

até o dia 26, ao todo 1,2 milhão de empresas notificaram o Ministério para informar a suspensão de contratos ou redução de salários. Ou seja, 13,5% do total de empresas do país, excluindo as microempresas individuais.

Isso tudo é só parte do problema. Há ainda o corte de horas-extra e gratificações, benefícios associados aos salários com somas importantes em muitas categorias. É o que ajuda a explicar que algumas pesquisas apontam a possibilidade da redução de renda dos trabalhadores ser ainda mais ampla. De acordo com a pesquisa de uma agência financeira

com 410 mil pessoas, 54% dos trabalhadores com carteira assinada tiveram redução de renda no mês de abril. Pior, há uma queda média de renda para esses trabalhadores de 31%. Entre os trabalhadores informais, 61% afirmam que tiveram sua renda diminuída em abril -esses perderam em média 37% de sua renda, de acordo com essa pesquisa.

Inadimplência

A diminuição da renda dos trabalhadores, como é esperado, leva à inadimplência. Segundo dados de uma empresa de monitoramento de crédito, a inadimplência de pessoas físicas no Brasil aumentou 5,8% em abril, frente a março desse ano. Já o índice de pessoas que não conseguem pagar suas contas de energia elétrica subiu para 10,16% de todos os consumidores no mês passado - no mesmo período de 2019, era 2,4%. Ao mesmo tempo, a taxa de inadimplência em faculdades privadas alcançou 26,3% no país, um aumento de 72,4% em comparação com o ano passado, informa a 2ª edição da Pesquisa Cenário Econômico Atual das IES Privadas.

Cristiano Junta

Bolsonaro sente o baque e avança escalada

Cada vez mais questionado por baixo, e agora nas ruas, ele aprofunda curso autoritário

Há avalanche de atos e ameaças deste governo, apostando na crise e no caos, na pretensão de instalar-se como um governo acima de tudo e de todos. "Tudo aponta para a crise" - como se nela já não estivéssemos - declarou em 30 de maio, em relação às ações do Judiciário.

O nervosismo toma conta do governo, cada vez mais questionado por baixo, como mostram pesquisas, e, de maneira mais contundente, as manifestações que voltam às ruas. E Bolsonaro, na tentativa de salvar "o barco que está afundando", como ele mesmo disse na tal reunião ministerial de 22 de abril, segue em frente.

Um verdadeiro esquema paralelo de informação (único no qual confia, como anunciou na reunião ministerial) está instalado no 3º andar do Palácio do Planalto, comandado pelo ex-capitão do Exército Marcelo Costa Câmara.

Seguem as investidas para controlar a Polícia Federal, depois de defenestrar sua "reserva moral", Sérgio Moro, o imoral juiz da farsa jurídica contra Lula e que agora pede a ele os direitos negados a Lula (ver abaixo).

Foi revelado, pelo site Metrôpoles de Brasília, o esquema bem protegido do acampamento dos "300 de Brasília", os mesmos que são saudados pelo presidente diante do Palácio do Planalto. Bolsonaro, num gesto de incentivo às hostes fascistas, denomina os que se manifestam contra seu governo de "marginais e terroristas". Na manifestação das torcidas na Av. Paulista no o último dia 31,

o bolsonarista provocador era um coronel da PM, da reserva, Américo Massaki Higuti (revelado em vídeo publicado pelos Jornalistas Livres).

Bolsonaro avança a escalada sob proteção dos militares. Augusto Heleno, do Gabinete de Segurança Institucional, publicou a ameaçadora "carta à nação", prevendo "consequências imprevisíveis" se o celular do presidente fosse apreendido na investigação sobre interferência na PF. Nos últimos 15 dias, foram pelo menos 13 manifestos assinados por representantes, da reserva, das três Forças, em defesa de Bolsonaro e Augusto Heleno. O Ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, em 31 de maio, foi coadjuvante de Bolsonaro na saudação às suas hostes fascistas.

E Bolsonaro evoca o artigo 142 da Constituição Federal, para justificar a ideia de uma intervenção militar.

Há contradições nas Forças Armadas? É possível que sim. Mas de fato o que predomina é a guarita que dão à escalada, aliás por isso Bolsonaro segue em frente.

E as demais instituições?

As "robustas" instituições democráticas, Congresso e Supremo Tribunal Federal, como gostam de dizer os grandes jornais, fazem o que?.

Tão expeditas no golpe do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, coniventes que foram com as fraudes jurídicas e ilegalidades que garantiram a eleição de Bolsonaro, agora são "cuidadosas", na verdade

coniventes. Nisto, um papel de destaque cabe ao presidente da Câmara Rodrigo Maia. Nada menos que 35 pedidos de impeachment, um deles do PT com outros partidos e entidades, repousam na gaveta de Maia, guardadinhos, enquanto abundam os motivos para examiná-los. Maia explica: "A gente não pode colocar mais lenha na fogueira. Da mesma forma que eu acho que essas manifestações que atacam as instituições democráticas são gravíssimas, uma decisão de impeachment precisa ser

muito bem avaliada para que a gente não gere mais conflitos e mais crise política no Brasil". E deixa o caminho livre para que Bolsonaro gere mais conflito, enquanto o Congresso, segue a pauta da política de Bolsonaro/Guedes que ferra com o povo trabalhador e a nação. Como diz o ditado, deste mato (as instituições) não sai coelho. Ainda bem que as ruas começam a ser habitadas pelo Fora Bolsonaro!

Misa Boito



Campanha Lula Livre: agora é #AnulaSTF

Defesa apresentou em 2018 habeas corpus para que o Supremo reconheça a suspeição de Moro

O Mutirão Digital Lula Livre, realizado no dia 30 de maio, reuniu diversos debatedores para prosseguir a campanha pela liberdade do ex-presidente. A palavra de ordem agora é #AnulaSTF - referência ao habeas corpus apresentado pela defesa de Lula ao Supremo Tribunal Federal (STF), em novembro de 2018, para que o tribunal reconheça a suspeição do ex-juiz Sergio Moro e anule os processos de Lula dos quais ele participou.

Na Operação Lava Jato, em vez de agir como juiz, Moro orientou ilegalmente o trabalho de procuradores e delegados. O objetivo era condenar Lula, mesmo sem a existência de provas de crimes.

O coordenador do Comitê Nacional Lula Livre, Paulo Okamoto, disse no mutirão digital: "A gente precisa

agora juntar muita força de todos os democratas, de todos os nossos militantes, para fazer com que o julgamento no Supremo Tribunal da suspeição do Moro seja finalmente colocado em votação".

Mesmo em período de pandemia, e em meio à crise política, os julgamentos de Lula continuaram. Em 6 de maio, por exemplo, o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), segunda instância dos processos da Lava Jato, manteve a condenação no processo do sítio de Atibaia. Esse tribunal valida há anos as arbitrariedades de Moro.

A partir de junho do ano passado, as reportagens da #VazaJato, publicadas pelo site The Intercept Brasil e outros órgãos de imprensa, comprovaram o que a defesa já dizia sobre a parcialidade dos julgamentos.

Moro conseguiu prender Lula para impedir sua participação na eleição presidencial.

Por favorecer o caminho de Bolsonaro, Moro recebeu em troca o cargo de ministro da Justiça e uma promessa de indicação para o STF. A atual crise os separou.

Pede o que negou

Em artigo publicado na "Folha de S. Paulo" de 29/5, os advogados de Lula, Cristiano Zanin Martins e Valeska Zanin Martins, comentam as recentes declarações de Moro, agora em litígio com Bolsonaro. A defesa do ex-juiz busca acesso a documentos citados no inquérito no qual é investigado, com o objetivo de atender a garantia de "paridade de armas".

Como magistrado, Moro negou-se,

várias vezes, a fornecer à defesa de Lula informações que possibilitassem o exercício do direito de defesa. Cristiano e Valeska descrevem o seu comportamento nos processos do ex-presidente: "Agiu como déspota. Tratou acusados como inimigos; negou a essência do direito de defesa; devassou; humilhou; atacou e estimulou ataques a advogados. Grampeou nossos ramais telefônicos. Sincronizou processos com o calendário político. Aceitou cooperação internacional informal e à margem da lei brasileira".

E concluem: "Moro promoveu uma verdadeira cruzada contra Lula com o objetivo de interferir no cenário político do país". Essa é a razão pela qual o STF deve anular os processos.

Cláudio Soares

Itália: greve na ArcelorMittal defende empregos

Siderúrgica aproveita-se da pandemia para ameaçar a continuidade do trabalho



originalmente no jornal francês "Informations Ouvrières".

Armando Palombo – A ArcelorMittal havia retomado gradualmente as atividades durante a pandemia, a começar pela produção da folha de flandres, em março, e a de chapa galvanizada, no início de maio, chegando assim a colocar 600 operários em trabalho, de um total de mil.

Mas, em meados de maio, recuou, alegando uma crise de mercado. Sabemos que as consequências econômicas da pandemia aceleram a reestruturação europeia da siderurgia, mas havia trabalho na fábrica. O comitê de empresa contestou a medida, julgando-a falsa e incorreta. No dia 18, a empresa recusou-se a autorizar uma assembleia dos trabalhadores. Nós paramos o trabalho e fomos dar um "passeio" até a prefeitura. De 21 a 25 de maio, organizamos a greve por oficinas, com bloqueio das passagens portuárias para impedir a saída da mercadoria vendida.

Informations Ouvrières – A manobra da ArcelorMittal, que consiste em utilizar a crise sanitária para não honrar os seus compromissos, foi uma surpresa para você?

AP – É a utilização cínica de uma ferramenta criada em defesa da saúde para fazer entrar dinheiro. Num dia, nós éramos "essenciais" para a nação e tivemos até de fazer greve para obter

garantias de segurança sanitária na fábrica (em 13 de março – NdR). No outro dia, somos nós que devemos pagar com os nossos salários pelas decisões empresariais da ArcelorMittal durante a pandemia.

IO – Agora, parece que Gênova e Tarento (as duas maiores fábricas da ArcelorMittal na Itália), assim como outras unidades, estão em vias de construir uma reação comum.

AP – Gênova, Novi, Coni e Milão são muito coordenadas e têm tradição em lutas sindicais, com forte representação da Fiom. Em Tarento, a Fiom tem presença minoritária de 10%, e há fracas tradições sindicais. Foi positivo o fato de ter havido, em 25 de maio, quatro

horas de greve em todo o grupo. Mas ainda não é o suficiente.

IO – Pode-se vislumbrar que outras fábricas da ArcelorMittal na Europa entrem nesse movimento?

AP – Nós criamos a "Coordenação europeia dos conselhos de fábrica da siderurgia", com as regiões de Fos-sur-Mer, Dunquerque, Bremen, Duisbourg, Liège e muitas outras. Mas esse é um trabalho de longo fôlego que levamos juntos, com tenacidade, a partir da base, dos sindicatos nas fábricas, que são a expressão mais autêntica dos trabalhadores. A exigência da Coordenação europeia é vital para a defesa imediata dos trabalhadores, mas estamos atrasados.

A siderúrgica ArcelorMittal aproveitou a pandemia para aumentar o número de seus funcionários na Itália em situação de desemprego técnico (redução de jornada e de salários). Isso ameaça a continuidade dos contratos de trabalho. Em resposta, os trabalhadores da empresa iniciaram movimento de greve em 15 de maio. No dia 18, realizaram manifestação unitária em Gênova, com distanciamento social e uso de máscaras. Em virtude da lei de emergência sanitária, organizaram um "passeio" até a prefeitura. A empresa, que pretende se retirar da Itália, ameaça colocar todos os 1.002 funcionários em desemprego técnico, caso a greve não seja interrompida.

Publicamos entrevista concedida a Veronica delle Ginestre por Armando Palombo, delegado da Fiom-CGIL, a federação dos metalúrgicos da central sindical CGIL, e representante da Comissão de Empresa da ArcelorMittal de Gênova-Cornigliano

A entrevista foi publicada



FRANÇA
A Renault está promovendo um plano de reestruturação, para o qual recebeu ajuda de US\$5 bilhões do governo francês, que prevê o corte de 15000 empregos no mundo, dos quais 4600 no país. Apesar da proibição governamental de reunir mais de 10 pessoas, sob pena de multa ou prisão em caso de reincidência, no sábado 30 de maio, o país inteiro viu, em Maubeuge, norte da França, milhares de manifestantes, funcionários da Renault, trabalhadores de empresas subcontratadas, suas famílias e toda a população, desafiando o estado de emergência contra o fechamento da empresa e em defesa dos empregos.

Manifestações no Peru

Trabalhadores da saúde lutam por seus direitos

A pandemia do coronavírus colocou a nu todas as carências da saúde pública e a incapacidade dos governos capitalistas de defenderem a vida, o trabalho e os direitos democráticos. Em muitos países, como nos Estados Unidos, milhões de empregos são destruídos. O capitalismo apodrecido continua empurrando a humanidade à barbárie.

No Peru, o governo de Martin Vizcarra continua sua política de submissão ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Paga a dívida externa,



acaba de privatizar a estatal de energia elétrica Luz del Sur, avança para privatizar a gestão das aposentadorias, concede US\$ 17 bilhões para "salvar empresas privadas" e ao mesmo tempo edita um decreto que leva à demissão de um milhão de trabalhadores.

Para impor essas medidas, Vizcarra tenta utilizar a armadilha do "acordo nacional" para integrar as organizações sindicais. Ele tenta se antecipar ao momento em que explodirá a raiva e a indignação do povo trabalhador. Mas o descontentamento já começa

a vir à superfície. Em 23 de abril e 1º de maio realizaram-se os painéis convocados pela CGTP (Confederação Geral de Trabalhadores do Peru). E em 7 de maio ocorreu a primeira manifestação nacional de rua durante a pandemia realizada pelos trabalhadores da saúde, nas portas dos Hospitais, Centros e Postos de Saúde.

Suas reivindicações são similares às de médicos, enfermeiros, técnicos, administrativos, trabalhadores da limpeza de muitos outros países:

- mais verbas para a saúde pública: 6% do PIB;
- EPIs para todos os que necessitam;
- testagem pelo método molecular (mais preciso e eficiente) para

todos que lutam diretamente contra a pandemia;

- nomeação dos concursados e estabilidade para todos os postos de trabalhadores da saúde.

Por essas mesmas reivindicações, um novo ato nacional se realizou em 20 de maio. De acordo com o Secretário Geral da federação dos trabalhadores da saúde, Arlex García, as carências nos locais de trabalho já levaram à contaminação de mais de 1.500 trabalhadores, com mais de 100 óbitos.

A luta continuará até que as autoridades deem resposta positiva às demandas dos trabalhadores.

Correspondente



Algumas referências

■ Início do século XVII

Os primeiros africanos, arrancados à força de seu continente, desembarcaram na América para serem escravizados.

■ 1776

Quando da independência dos Estados Unidos em relação à Grã-Bretanha e a proclamação dos direitos humanos, a escravidão não é abolida.

■ 1860-1864

A guerra civil entre os estados do norte e do sul resultou na vitória dos primeiros e na abolição da escravatura. Mas a segregação e a opressão dos negros continuam, mais forte no Sul, mas também no Norte.

■ 1948

Algumas medidas são tomadas que "atenuam" a segregação.

■ 1955

Início das mobilizações dos negros pelos seus direitos.

■ 1965

Derrogação das leis segregacionistas.

■ 1968

Na sequência das grandes mobilizações dos negros por direitos civis, Martin Luther King, um dos líderes desse movimento, é assassinado, causando protestos em todo o país.

■ Início da década de 1970

Novas medidas contra a segregação são tomadas, como o fim do ônibus escolar separado entre brancos e negros, com o pretexto da existência de escolas para os negros separadas dos brancos. Mesmo que atualmente a diversidade esteja instaurada, a segregação permanece social: os negros estão concentrados em bairros pobres e, portanto, as escolas não são tão mistas.

■ 2020

A situação não melhorou. O racismo institucional, a segregação encoberta, a precariedade e a pobreza são o quinhão dos negros americanos.

Uma relevância mundial

EUA: não é uma explosão localizada, mas uma insurreição simultânea no país

Um grafite escrito às pressas em um tapume de Minneapolis: "2018: França, 2019: Hong Kong e Chile, 2020: Minneapolis". Ao inscrever as manifestações em curso na continuidade dos Coletes Amarelos, das manifestações de estudantes de Hong Kong e das mobilizações de massa no Chile, este manifestante anônimo ilustra o alcance mundial da explosão social em curso.

Explosão que se produz no coração dos Estados Unidos, o imperialismo mais poderoso. Essas não são as primeiras revoltas que ocorrem nos Estados Unidos, mas a situação atual tem um caráter particular: não é um confronto comunitário, mas, ao contrário, a união dos negros americanos, dos latinos, de uma ampla camada da juventude branca; não é uma explosão localizada, mas uma insurreição simultânea em todas as grandes cidades do país – mais de 150!

A classe operária americana foi dividida pelo imperialismo: entre raças, entre Estados, entre profissões. Ao reagrupar, sobre a base do reconhecimento da situação particular dos negros americanos, todas as componentes da população, estas manifestações marcam um passo na reconstrução da sua unidade.

As imagens terríveis da morte de George Floyd provocaram essa ira determinada de toda a população negra dos Estados Unidos e além. Esse novo assassinato resume a brutalidade do regime estadunidense contra todos os trabalhadores e, de forma singular, contra os negros. É



Em Nova Iorque, em Miami, em Portland (Oregon), em Lexington (Kentucky), e mesmo em Washington, policiais com equipamento de choque e guardas nacionais se ajoelham no chão entre os manifestantes. Ajoelhar-se é, desde 2016, um gesto adotado em protesto contra as mortes de negros pela polícia. Em outras cidades, em Flint (Michigan), em Nova Jersey, a polícia uniformizada se junta às manifestações e até levam os cartazes. Acima, policiais se ajoelham no chão perto da Casa Branca

essa mesma brutalidade que jogou, nas últimas semanas, dezenas de milhões de americanos no desemprego, na miséria e na doença. Os negros são os mais afetados, sempre, porque são os mais precarizados;

mas é um ataque frontal a todos os trabalhadores e à população. E existe consciência disso entre os manifestantes.

A crise do aparelho de Estado estadunidense fica evidenciada por essas manifestações. Vemos os policiais e guardas nacionais (os militares reservistas chamados para vir em socorro pelos governadores de mais de vinte estados) se juntarem aos manifestantes. Essas cenas de confraternização expressam a crise que dilacera as instituições americanas. Em face do crescimento dos protestos, Donald Trump ameaça os governadores dos estados de destacar o exército para reprimir o movimento que eles não conseguem conter.

Todo o sistema político estadunidense está sendo questionado, dos republicanos aos democratas, que perpetuaram todos a opressão dos negros nos Estados Unidos. A morte de George Floyd é um estopim dessa revolta dos negros, dos latinos, de uma ampla camada da juventude branca que, juntos, querem enfim respirar⁽¹⁾ e contestam a política dos dirigentes dos Estados Unidos. E não se trata de uma questão apenas dos Estados Unidos, ela tem uma dimensão mundial.

Devan Sohier

⁽¹⁾As últimas palavras de Floyd foram repetir aos policiais que o estavam matando: "Eu não consigo respirar". Em toda parte, nas manifestações, cartazes que foram agitados e clamavam "Eu não consigo respirar" tornaram-se um slogan geral.

Protestos se intensificam a cada dia

Manifestações entram no nono dia e atingem dezenas de cidades

Os protestos começaram após o assassinato de George Floyd, um homem negro de 46 anos, no estado de Minnesota, meio-oeste do país. Floyd, desarmado, foi morto por um policial branco, que o sufocou por quase nove minutos, apesar de repetidas vezes ele ter dito que não conseguia respirar. O assassinato, capturado pela câmera de um celular, foi recebido com choque e indignação ao redor do país. Esse episódio brutal se soma aos assassinatos recentes de outras duas pessoas negras em diferentes cidades, Ahmaud Arbery e Breonna Taylor, gerando uma onda de revolta.

Nos protestos ocorridos em todos os 50 estados do país, milhares de pessoas negras e brancas,

majoritariamente jovens, entoam palavras de ordem como "Sem justiça, não há paz" e "Fora a polícia racista", além de lembrar o nome e as últimas palavras de George Floyd: "Não consigo respirar". Até o dia 2 de junho, milhares de pessoas haviam sido presas nos protestos e cinco manifestantes foram mortos em circunstâncias ainda pouco claras. Em diversas partes do país foi decretado o de estado de emergência e toque de recolher, mas as manifestações não cessam. Na capital Washington, milhares de pessoas se reuniram ao redor da Casa Branca, residência de Trump.

O protesto mostrava a revolta dos manifestantes com Trump, que chamou manifestantes de "marginais"

e os ameaçou dando a entender que saques ao comércio deveriam ser recebidos a tiros pela polícia

Lideranças do Partido Democrata, como o pré-candidato presidencial Joe Biden, expressaram solidariedade com a morte de George Floyd, o que não acalma a população.

Nas ruas, sabe-se que, apesar das palavras de apoio, vários prefeitos e governadores Democratas tem estimulado violência policial contra manifestantes. Como na cidade de Nova Iorque, de prefeito e governador Democratas, onde carros policiais foram flagrados atropelando dezenas de manifestantes no último final de semana, com a cumplicidade dos governantes.

Pablo Valente, dos EUA

“Estamos com raiva”

Sindicalista negra dos Estados Unidos sobre a situação do país



não se fala mais sobre a Covid-19. Fala-se das manifestações, do que aconteceu com George Floyd, com Ahmaud Arbery, Breonna Taylor e isso acorda a dor: Botham Jean, Atiana Jefferson, Trayvon Martin, Philando Castile... São tantos nomes, a lista é longa. Tenho a impressão de que as pessoas estão realmente mais do que fartas. Isso parece não ter fim. O povo quer que isso mude.

Impressiona o fato de que esses protestos ocorrem em todo país e não somente em cidades isoladas.

Por todos os nomes que eu mencionei, nós nos manifestamos, a cada vez. Mas eu concordo com você, desta vez, parece que está realmente em todo lugar. Pelo que vejo na CNN, está em todas as grandes cidades e mesmo nas pequenas. Outra coisa é diferente: geralmente nos encontramos em São Francisco ou no centro de Oakland. Aqui está em todas as cidades, inclusive nos subúrbios. Na minha opinião, é mais intenso que o normal, porque as pessoas vão para todo lugar.

É mais intenso principalmente porque as pessoas estão desempregadas, eles ficaram em casa durante dois, três meses – no meu condado, estamos presos em casa desde 13 de março. As pessoas estão fartas. Eu decidi não ver o vídeo da morte de George Floyd, mas pelo que soube, todo mundo que viu só pode estar revoltado e cansado ao ver mais um nome acrescentado a uma lista já muito longa. E esses são apenas os nomes que ouvimos falar: é desgastante, repugnante. Essa é apenas a lista dos que foram filmados. Há também todos aqueles que sofreram o mesmo para os quais não há provas e, por esses, ninguém vai responder. Tem todos aqueles que foram mortos antes dos telefones celulares: era palavra contra palavra, e os policiais se uniam.

Qual a situação social em Oakland, com o desemprego, os salários que não chegam mais, os 1.200 dólares como única renda?

A situação é ruim. Em nosso distrito escolar, nos disseram que 60% das crianças têm um pai que perdeu o emprego, e muitos deles têm agora seu pai e mãe desempregados. As pessoas têm medo, têm fome. Eles sofrem com o medo de não poder viver aqui, porque a vida é muito cara. Como professora, sei que os pais dos meus alunos estão frustrados. O ensino à distância é complicado: muitos pais têm várias crianças em casa e eles têm que gerenciar uma série de aulas à distância. Para as crianças com deficiência, que não



podem ler ou que não ficam à vontade com computadores, é realmente difícil. Os pais têm pressa que as escolas reabram, mas com a situação da Covid-19, não parece que vão reabrir em agosto, pelo menos não totalmente.

Estatísticas mostram que a Covid-19 afeta mais particularmente os negros. É esse o caso aí?

Nos mostraram os mapas da Covid-19, e parece que as zonas mais pobres são as mais atingidas. Em toda a Baía, parece que os bairros negros são os mais afetados. Então, isso alimenta as manifestações, indiretamente: a Covid-19 é o combustível que incendiou essas manifestações. Isso revela as desigualdades: os negros, que têm pouco dinheiro, são geralmente os que ocupam empregos essenciais e, portanto, têm maior risco de ser contaminadas. E, ao mesmo tempo, são os que ganham menos. Então eles estão com raiva, eles estão com raiva desse racismo, contra o racismo aberto com assassinatos e os assassinos que não são levados ao tribunal. É a soma de tudo isso que leva à explosão.

Em vários lugares, policiais se juntam aos manifestantes

Eu vi isso. Eu estou muito dividida: como indivíduos, alguns policiais podem ser pessoas boas, procurar estar a serviço de sua comunidade, e considerar o que aconteceu a George

Floyd e a tantos outros como algo que não deveria acontecer. Mas, eu não posso me impedir de achar um pouco fácil, quando o policial que faz isso está longe, em Mineápolis. É todo o sistema da polícia dos EUA que precisa ser corrigido. Eu não esqueço que os sindicatos protestaram quando Colin Kaepernick [jogador de futebol americano, NdT] ajoelhou-se durante o hino nacional, mesmo fazendo isso calmamente, silenciosamente. Ele ainda não tem emprego, por causa disso. Então, colocar um joelho no chão, hoje, para um policial, eu acho um pouco hipócrita. É um pouco tarde, mesmo que eu reconheça a humanidade desses policiais. É o sistema completo da polícia que tem que ser revisto de alto a baixo. Existem supremacistas brancos infiltrados. E, mesmo aqueles que não são abertamente racistas têm viés racista. Não podemos continuar assim.

Deseja adicionar algo?

Não muito, exceto que isso não acabou. Nós não temos realmente direção. O que está acontecendo não é organizado. Existe organização, mas não há dirigente que possa se levantar e dizer alguma coisa, tentar aprovar uma lei para, de alguma forma, acalmar as pessoas. Eu não acho que Trump seja capaz de fazer o que seja para acalmar o povo, além de dizer: “Quando os saques começam, os tiros começam.”

Oakland é uma cidade predominantemente negra nos arredores de San Francisco. Ela tem um lugar peculiar no movimento negro estadunidense, foi ali que nasceu, nos anos 1960, o partido dos Panteras Negras, partido revolucionário americano. Entrevista com Lina Nelson, sindicalista professora negra de Oakland, publicada no jornal francês Informações Operárias.

Qual é a situação em Oakland nesse momento?

A situação em Oakland e entre os negros em todos os EUA é muito tensa. Estamos com raiva e estamos cansados de sermos tratados como menos que humanos. Oakland em particular se manifesta: as pessoas tomaram as ruas. Hoje eles bloquearam o porto [um dos principais da costa Oeste NdT], com uma carreta de quilômetros de extensão.

Queremos ser tratados como seres humanos. Que reconheçam que nossas vidas têm valor. Que processem todos os policiais que cometem crimes de ódio contra a nossa humanidade. Todos os policiais que estavam presentes durante o assassinato de George Floyd devem ser processados. A justiça deve ser feita.

As manifestações são interculturais. Em uma, em frente a uma delegacia, eu só vi brancos. Também há muitos irmãos e irmãs da comunidade latina que se manifestam conosco. Nossos sindicatos mais progressistas como a UTLA [Sindicato dos professores de Los Angeles, NdT] e a OEA ([Sindicato dos professores de Oakland, NdT] estão ao lado dos manifestantes.

A Califórnia ainda está em confinamento?

Sim, todo o Estado ainda está em confinamento, alguns condados estão na fase 2 de reabertura, mas no essencial continuamos em confinamento. O confinamento nunca foi muito rigoroso: nos pedem para manter uma distância de dois metros. Os manifestantes parecem estar tentando respeitar essas distâncias, mas

O TRABALHO

Receba O Trabalho em sua casa, a cada quinzena

12 edições: R\$ 60,00 • 24 edições: R\$ 120,00 • Assinatura solidária: R\$ 150,00

A partir do nº _____ Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Peça sua assinatura por e-mail ou carta

Deposite na conta Banco do Brasil – Agência: 4055-X, C/C: 8894-3 - CNPJ: 09001210/0001-79
Envie comprovante junto com o cupom para Rua Caetano Pinto, 678 - CEP 03041-000 - São Paulo
Fone: (11) 2613-2232 - e-mail: otjornal@uol.com.br